
REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 27 No.2 2014

OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS NA ARQUEOLOGIA DA CALHA DO RIO AMAZONAS¹

Anne Rapp Py-Daniel²

Durante um pouco mais de dez anos venho pesquisando as práticas e os gestos funerários na Amazônia, principalmente no período anterior ao contato com as populações europeias. Um dos principais resultados dessa pesquisa foi a elaboração e defesa de minha tese de doutorado “Os Contextos Funerários na Arqueologia da Calha do rio Amazonas” orientada pelo Prof. Dr. Levy Figuti, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, com apoio do CNPq no último ano.

Especificamente na tese, além de trabalhar com os contextos funerários arqueológicos na Amazônia, também buscamos fomentar um diálogo com a etnologia e com diferentes relatos (antigos e recentes) sobre as práticas funerárias ameríndias. Mesmo tendo como pontos de partida e final a arqueologia, utilizamos dados da antropologia sociocultural e da etnologia como um todo, tanto para estruturar nossos conceitos teóricos quanto para analisar os dados. Os contextos funerários recentes podem ser uma chave para o passado, mas são principalmente evidência da complexidade do tema e da necessidade de se considerar os indivíduos e suas identidades na hora da morte. Foi comum encontrarmos generalizações sobre como as populações indígenas pensam os mortos, contudo, o que a arqueologia nos mostra é muito mais diversidade do que o que pode ser visto na atualidade ou nas etnografias. Isso vai no mesmo sentido que os outros vestígios da arqueologia (material cerâmico, lítico, padrões de ocupação, etc.) que também “veem” menos monotonia no registro arqueológico do que o que foi aventado.

Através dos contextos analisados dialogamos com algumas hipóteses sobre a ocupação e a produção de cultura material vigentes na Arqueologia Amazônica. Nos últimos 30 anos a busca por uma identificação mais precisa dos vestígios arqueológicos ganhou força, fomentando assim a produção de conhecimento sobre as ocupações pretéritas e formulando hipóteses robustas

¹ Tese de doutorado defendida em 2015 no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará & colaboradora do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos Úmidos do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo.

sobre a associação de alguns tipos de cultura material e falantes dos principais troncos linguísticos da região (Arawak, Tupi, Karib e Jê).

Buscamos interagir também com as hipóteses sobre a importância do gesto e da prática, pois se os significados dos rituais nos escapam na maior parte das vezes, a materialidade de vários gestos nos permite buscar padrões e, eventualmente, identificar conjuntos coerentes.

Foram trabalhados contextos arqueológicos da região do médio rio Solimões, da Amazônia Central, do baixo rio Madeira, do município de Itaituba/PA, do município de Novo Repartimento/PA e por fim dois municípios no estado do Amapá (Calçoene e Laranjal do Jari). Os principais elementos analisados foram: os gestos, os contextos, os acompanhamentos, os mortos e a localização dos sepultamentos. A partir da determinação de quais seriam os elementos disponíveis para análise em contextos arqueológicos amazônicos, analisamos os dados da etnologia e de diferentes relatos, buscando visualizar semelhanças e ao mesmo tempo elaborando um conjunto de dados próprio, que não foi utilizado para fazer analogias diretas, mas foi visto como um produto histórico.

Alguns dos principais resultados encontrados foram:

1. As urnas funerárias, tão frequentemente descritas estão presentes em todos os contextos arqueológicos e em vários etnográficos. Mas elas não são sinônimo de sepultamentos secundários e há claramente um viés na arqueologia fazendo com que elas sejam mais encontradas do que outros tipos de sepultamento.

2. Nos contextos arqueológicos, ficou claro o investimento de tempo nos sepultamentos. Enterrar/Sepultar não era uma atividade rápida na maior parte das vezes, ela demandava atenção e preparo. Mas esse elemento também se mostrou muito difícil de estimar, limitando as interpretações.

3. Os pertences de um morto não são lidados de maneira uniforme dentro dos diferentes grupos estudados, há diferentes maneira de se lidar com esses bens, tanto mantendo junto do falecido, como destruindo ou distribuindo os seus pertences. As diferenças relatadas dos acompanhamentos estão diretamente relacionadas à identidade do morto (se visto como homem, mulher, chefe, xamã, criança, etc.) e aos costumes locais.

4. Acreditamos que “os poços de memória” mencionados por Cristiana Barreto desde 2013, também conhecidos como feições, em diferentes contextos da Tradição Borda Incisa/Série Barrancóide, fazem parte de conjuntos funerários na maior parte das vezes. Elas são diferentes do que é conhecido como bolsão para a região de Santarém ou das feições/lixeiros. Essas feições representariam diferentes pessoas ou clãs, seus desejos de serem lembrados pelo morto, pela sociedade de vivos, que está enterrando alguém, e de reforçar a rede de relacionamentos já estabelecida.

5. Nos sítios onde pudemos fazer uma análise óssea mínima constatamos a presença de crianças e adultos recebendo tratamentos com níveis de investimento consideráveis.

6. Nas regiões estudadas foi possível detectar dois contextos funerários: um onde se percebe uma delimitação espacial dos sepultamentos, que podemos chamar de cemitério, e outro onde os limites entre as áreas de enterrar e de viver não existem, ou pelo menos não são claramente marcados. Esse tema está ligado à maneira de como uma sociedade vê e se relaciona com os seus mortos, na Amazônia, a familiaridade com a morte é notável. Manuela Carneiro da Cunha já tinha mostrado transformações dos espaços, forçada pela sociedade nacional, entre os Krahó e como essa sociedade teve que lidar com essa situação.

7. Ao analisar a distribuição das práticas funerárias identificadas simultaneamente, percebemos: primeiro, a preponderância de sepultamentos secundários ou cremações em relação aos sepultamentos diretos e/ou primários, mas estes não deixam de existir; a leste estão concentrados os sepultamentos secundários; existe uma faixa diagonal de cremações que vai da Guiana Francesa até as cabeceiras do rio Madeira; apesar de não ser tão claro, há uma inversão na proporção de práticas endo e exocanibalísticas entre o leste e o oeste da Amazônia.

8. Os grupos que apresentam menor diversidade interna quanto à maneira de sepultar são os Jê seguido pelos Karib. Os grupos Jê claramente preferem sepultamentos secundários e os grupos Karib possuem predileção por cremações, sendo os enterramentos diretos destinados a personagens diferenciados, como os xamãs ou chefes.

9. Sepultamentos em áreas residenciais são os mais comuns em períodos recentes, enquanto arqueologicamente são os cemitérios que aparecem mais frequentemente. Esta diferença pode estar ligada a vários fatores: escolhas culturais (diferentes locais para diferentes pessoas ou diferentes proximidades com os mortos e a morte); impacto da sociedade nacional forçando uma maior mobilidade das populações e acabando com os cemitérios; impacto de religiões cristãs. Acreditamos que este é um tópico a ser estudado de maneira mais aprofundada no futuro.

Por fim os contextos funerários do passado nos indicam mudanças em relação ao presente, mas, principalmente eles são evidências de uma perda de território e de autonomia por parte das populações indígenas. A repressão exercida pela sociedade nacional fica ainda mais clara nos grupos/regiões onde as práticas funerárias foram consideradas como “não convencionais”. Aparecida Vilaça e Beth Conklin descreveram esse processo junto aos Wari’, que sofreram com esse contato no século XX, evidenciando que a conversão, por vezes forçada, ainda continua muito presente nos dias atuais.

Como esses novos contextos vêm se desenvolvendo e como eles são percebidos pelas sociedades atuais ainda não está claro, pois vimos que uma “boa morte” está diretamente ligada ao que se concebe como uma “boa vida”. A incorporação de uma nova maneira de morrer e de enterrar, seria ela o reflexo de diferentes populações tentando viver – sobreviver – e se manter unidas? Ou são elas o fruto da adoção de outra maneira de pensar o mundo? Acreditamos que ambas as situações existem e a etnologia vem nos mostrando que do contato entre populações ameríndias com as sociedades europeias surgiram também

outras maneiras de ver o mundo, que não são facilmente classificáveis pelas nossas “ciências humanas”.

Outro elemento de reflexão, trazido pelo estudo dos contextos funerários arqueológicos, é a grande dispersão das redes de contato e a mobilidade das populações antigas. Se a distribuição de artefatos similares indica, no mínimo, contatos, a constatação de que cosmovisões também eram compartilhadas e possivelmente transmitidas reforça a ideia de interlocuções contínuas e não fortuitas. Hoje em dia, percebe-se uma restrição territorial cada vez mais importante das sociedades indígenas. Contudo como qualquer população de sua época – e não representantes de períodos “pré-históricos” – as populações atuais vêm desenvolvendo novas maneiras de se comunicar tanto com outras sociedades indígenas quanto com a sociedade nacional.

Palavras-Chaves: Amazônia, arqueologia da morte, tafonomia, arqueologia amazônica, ocupações pré-coloniais.